

## TRADUÇÃO

# Vinciane Despret – vozes de outros mundos

JULLANA FAUSTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR), CURITIBA/PR, BRASIL  
[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0002-3446-9486](https://orcid.org/0000-0002-3446-9486)

MIGUEL CARID NAVEIRA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR), CURITIBA/PR, BRASIL  
[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0002-7337-4746](https://orcid.org/0000-0002-7337-4746)

Filósofa e psicóloga, Vinciane Despret desenvolve investigações multiespécies que demandam uma articulação transdisciplinar capaz de, ao apresentar modos e mundos outros, abrir possibilidades de aprendizagem e expansão imaginativa para o reduzido mundo humano. Esse ponto de chegada não foi alcançado sem esforço. Depois da graduação em Filosofia, Despret estudou Psicologia de modo a poder clinicar. Conforme conta, sua formação original não lhe garantia boas perspectivas de emprego, uma vez que na Bélgica não havia a obrigatoriedade do ensino de Filosofia nas escolas. Foi no curso de Psicologia que a autora descobriria sua paixão, que paradoxalmente não estava nas disciplinas, teorias e autores que tratavam da clínica ou sequer da mente e do comportamento humanos neles mesmos, mas naquelas que diziam respeito ao comportamento e à psicologia animais. A Etologia, para Despret, significava a junção da descoberta de novos mundos, os dos animais extra-humanos, com a narração desses mundos, as estórias e histórias que compunham as vidas dos animais que faziam esses mundos. Um trabalho de campo, no qual passou meses em Israel “etnografando” etólogos que “etnografavam” o zaragateiro-árabe (*Argya squamiceps*), resultou em seu primeiro livro *Naissance d’une théorie éthologique: la danse du cratérope écaillé* (1996). Durante a escrita do livro, conheceu o trabalho de Isabelle Stengers, sob cuja orientação escreveria a tese *Savoir des passions et passions des savoirs*, em 1997.

Desde seu primeiro livro, Despret desenvolve sua prática filosófica como uma arte de tecer narrativas por meio de elos insuspeitos, colocando questões a resoluções tidas como naturalizadas. Detecta sinais que passaram despercebidos, relê casos aparentemente fechados à luz de novas pistas, sugerindo versões e narrativas outras, frequentemente mais instigantes que as originais. Como a própria autora explica, ainda que tenha se formado em Filosofia, a sua chegada aos filósofos se deu por caminhos

tortuosos. A filosofia que percebia como mais tradicional a aborrecia pela insistência no conteúdo dos problemas tratados pelos filósofos, em vez de seus conceitos ou gestos especulativos, e pelo método crítico, que se afirmaria pela separação, denúncia e desejo de “abrir os olhos” dos outros. A aliança com um certo grupo de autores, teorias e conceitos foi, portanto, fundamental para o desenvolvimento de seu método: o conceito leibziano de compossibilidade lhe deu o que ela chama de “versão”, a possibilidade de que diversas narrativas coexistam simultaneamente, por oposição a “visão”, a subsunção de quaisquer narrativas – ainda que compossíveis – a uma só. A teoria das emoções de William James e o seu conceito de indeterminismo permitem que Despret coloque em questão as direções de causa e consequência – o que/quem causa e o que/quem é causado –, além de fornecer a ela um mundo sempre em processo de feitura, jamais pronto. Por sua vez, Alfred North Whitehead a previne de cair no erro moderno de bifurcar a natureza, isto é, separar ontologicamente a matéria bruta e os pensamentos ou sensações. Somam-se a essa constelação o filósofo francês Gilles Deleuze e colegas contemporâneos com quem Despret trava constante diálogo, tais como a já citada Isabelle Stengers, mas também Bruno Latour, Donna Haraway e outros.

Depois de seu estudo sobre emoções, a autora vem se dedicando a estudar animais e relações humano-animais, tendo publicado uma série de livros a esse respeito, tais como *Quand le loup habitera avec l'agneau* (2002), *Hans, le cheval qui savait compter* (2004a), *Être bête* (com Jocelyne Porcher, 2007), *Penser comme un rat* (2009) e *Que diraient les animaux si... on leur posait les bonnes questions?* (2012). Nesses livros, nunca se trata da Animalidade como questão filosófica, mas de animais reais, situados, em conexão. Trata-se de *devoir-com*, conceito cunhado por Despret e desenvolvido mais tarde por Haraway; não do *devoir deleuziano*, mas de tornar-se-outro-com-outro, em presença de outro, geralmente animal. *Devoir-com* um animal, determinado animal, um animal que se conhece e com quem se estabelece alguma relação, muda quem o humano que entra naquela relação é e muda quem o animal é. Esse processo, descrito em seu artigo “The body we care for: Figures of anthro-zoo-genesis” (2004b), é também aquele pelo qual os *relata* da relação tornam um ao outro capazes, autorizando-se mutuamente.

Para que o *devoir-com* aconteça, contudo, é preciso que haja abertura, disponibilidade e interesse de ambas as partes. É nesse ponto que Despret, a filósofa da ciência, torna-se também uma investigadora de dispositivos experimentais. Segundo a autora, não há observação científica que não seja mediada pelo dispositivo criado para realizá-la e que não construa um determinado tipo de relação através dele, envolvendo os sujeitos nesse processo. Como adverte Despret “às vezes os resultados obtidos são antes de tudo e tão só devidos ao dispositivo” (2011a:70). Por isso, os procedimentos seguidos nas experiências laboratoriais propõem ou inibem observações e entendimentos, algo que os etólogos mais convencionais nem sempre levam em consideração: como entender a capacidade que se pensou matemática do surpreendente cavalo Hans – nos ensina Despret – sem ter em vista o que se passava entre ele, os companheiros humanos com quem se engajava em um jogo de perguntas e respostas e sua experiência com os cientistas? (Despret, 2004a); o que pensar das conclusões a que chegaram os etólogos que examinaram nos anos 1950 a ancoragem natural do “bom comportamento maternal” quando contrastadas com novos dados sobre o comportamento dos macacos (mais exatamente das macacas) bonnet e langures? (Despret, 2011a). Os dispositivos permitem obter resultados diferentes

também dependendo da espécie submetida a ele: “Em outras palavras, o modelo só deve sua aparente confiabilidade na forma como a pesquisa está construída: vocês podem demonstrar a naturalidade de vários comportamentos, contanto que escolham a espécie correta” (2011a:70). Como a filósofa insiste, trata-se de, interessadamente, fazer boas perguntas aos animais, perguntas que sejam interessantes a eles, tornando-os por sua vez interessados.

O uso do termo “construída” não é casual. Afirmar que “a pesquisa está construída” não significa que se admita extrair qualquer conclusão a depender do nível de interesse ou do método utilizado, mas sim que cada pesquisa é feita de uma maneira concreta. Quer dizer também que os contextos práticos das pesquisas fazem parte das respostas dos animais, promovendo ou inibindo alternativas e invenções em aberto, uma oportunidade para que criem suas próprias percepções, suas próprias significações.

É de suma importância, como Despret deixa claro, que os sujeitos experimentados possam ser recalcitrantes, que possam recusar, rearranjar ou propor novas questões em um experimento. E as maneiras utilizadas para que isso aconteça podem ser diversas: pobres ou proveitosas, limitantes ou multiplicadoras, reificadoras ou subjetivantes, por exemplo. O foco sugerido, portanto, não é o de uma correspondência com uma verdade que preexistia aos procedimentos, mas as consequências e implicações desses procedimentos. Por outras palavras, as respostas obtidas nas pesquisas dependem das perguntas que somos capazes de elaborar, tanto quanto dos modos pensados e aplicados para obtê-las.

Despret toma partido. Trata-se afinal (ou para começar) de propor modos de relação que quebrem a subordinação, a objetivação rígida dos sujeitos, daqueles que, até em um contexto tão reificador como o de laboratório, nunca deixaram de sê-lo: sujeitos dispostos, sujeitos em um dispositivo. Como ela sugere, além de medir reações a estímulos, os dispositivos também criam subjetividades (2011b). Como perguntar coisas que interessem? Como fazer os animais se engajarem na pesquisa a partir de um agenciamento que seja motivador, não só para o pesquisador, mas também para o pesquisado? Ovelhas ou babuínos – para citar dois exemplos amplamente usados pela autora – fazem mundo tanto quanto cientistas, a partir de suas potencialidades e interesses. Mas trata-se, é claro, de potencialidades e interesses diferentes e, portanto, de mundos diversos.

Se nessas obras de Despret vemos desabrochar o surgimento de novos mundos e composições multiespécies, há também a Despret narradora de mundos desaparecidos. Interessada pelo problema da extinção, ela escreveu alguns artigos importantes sobre essa catástrofe, como o posfácio de *Extinction studies: Stories of time, death and generations* (2017), editado por Deborah Bird Rose, Thom van Dooren e Matthew Chrulew. Intitulado “It is an entire world that has disappeared”, o texto aborda a questão a partir do que o mundo perde com cada extinção. Tanto o mundo criado e habitado por uma espécie, quanto a percepção do mundo sobre si por meio da percepção daquela espécie sobre o mundo. O que chamamos, assim, de mundo, resultado sempre provisório do arranjo de muitos mundos- pontos-de-vista que percebem e se percebem, teria também uma percepção de si através dessas percepções. Uma extinção, dirá Despret, é a perda de um desses mundos, de uma dessas percepções e causa uma rarefação de fato na concreção do mundo.

Não foi por acaso, como esse percurso mostra, que a filósofa chegou aos mortos, ainda que tenha havido um evento disparador da escrita de *Au bonheur des morts – Récits de ces qui restent* (La Décou-

verte, 2015), e dos artigos e conferências em torno a esse projeto, um evento pessoal doloroso: a morte de sua irmã mais nova. Nesse livro, Despret aborda a questão da relação com os mortos de uma maneira outra que aquela do trabalho de luto e do regime simbólico. A primeira, além de dizer respeito apenas a quem vive, teria por finalidade o esquecimento do morto; ao final do “trabalho de luto”, o “Eu fica novamente livre e desimpedido”, como sabemos desde Freud, pelo menos. Já a postulação do regime simbólico, por sua vez, livraria o pesquisador de investigar os mortos, uma vez que sua atenção recairia sobre o sentido “metafórico” dos discursos e práticas daqueles que mantêm relações com os falecidos sem que a existência destes precise ser levada a sério. Interessada em como os mortos podem perseverar, Despret recorre então ao conceito de “modos de existência” de Étienne Souriau (2021), e à obra, influenciada por esse filósofo, de Bruno Latour (2019), além do trabalho de Isabelle Stengers.

Nas páginas a seguir, versão expandida e traduzida da 2ª Conferência Lévi-Strauss, ministrada pela autora na École de Hautes Études em Sciences Sociales em 2018, Despret parte de uma simples frase de um interlocutor de pesquisa em direção a um certo mundo que a afirmação faz surgir: “os mortos são gente como os outros”, comenta Philippe. Não se trata de descobrir se é ou não verdade que algo continua após a morte, se os mortos são realmente como os outros, mas de compreender qual é o modo dessas existências para, a partir daí, aprender quais os regimes de veridicção adequados a esses seres. E não só isso, mas aprender também como os vivos são interpelados pelos mortos para que estes possam seguir existindo e quais os cuidados envolvidos nessa combinação transexistencial. De certa forma, são a vida e a morte que se transformam através dessas combinações. Afinal de contas, como a própria filósofa se pergunta ao fim de seu livro, “o que podemos saber daquilo que nos mantém vivos?” (2015: 212).

*Juliana Fausto é Doutora em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e Pós-doutoranda do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), com bolsa PNPd/Capes.*

*Miguel Carid Naveira é Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Professor Associado da Universidade Federal do Paraná (UFPR).*

## REFERÊNCIAS

Despret, V. (1996). *Naissance d'une théorie éthologique: la danse du cratérope écaillé*. Paris: Les Empêcheurs de Penser en Rond.

- Despret, V. (1997). *Savoir des passions et passions des savoirs* (Tese de doutorado). Filosofia e Letras, Universidade de Liège, Liège.
- Despret, V. (2002). *Quand le loup habitera avec l'agneau*. Paris: Les Empêcheurs de penser en round.
- Despret, V. (2004a). *Hans, le cheval qui savait compter*. Paris: Le Seuil/ Les Empêcheurs de Penser en Rond.
- Despret, V. (2004b). The Body We Care For: Figures of Anthro-zoo-genesis. *Body & Society*, 10(2-3), 111-134. <https://doi.org/10.1177/1357034X04042938>
- Despret, V. (2009). *Penser comme un rat*. Versailles: Quae.
- Despret, V. (2011a). O que as ciências da etologia e da primatologia nos ensinam sobre as práticas científicas? *Fractal: Revista de Psicologia*, 23(1), 59-72. <https://doi.org/10.1590/S1984-02922011000100005>
- Despret, V. (2011b). Ser animal, o mais polidamente possível. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 6 (2), 246-256. [http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista\\_ppp/issue/view/v6n2](http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/issue/view/v6n2)
- Despret, V. (2012). *Que diraient les animaux, si... on leur posait les bonnes questions*. Paris: La Découverte/ Les Empêcheurs de Penser en Rond.
- Despret, V. (2015). *Au bonheur des morts – Récits de ces qui restent*. Paris: La Découverte.
- Despret, V. (2017). Afterword: It Is an Entire World That Has Disappeared. In: D. Bird Rose, T. van Dooren & M. Chrulew (eds.). *Extinction Studies: Stories of time, Death and Generations* (pp. 217-222). New York: Columbia University Press.
- Despret, V. & Porcher, J. 2007. *Être bête*. Arles: Actes Sud.
- Latour, B. (2019). *Investigações sobre os modos de existência*. Petrópolis: Vozes.
- Souriau, É. (2021). *Diferentes modos de existência*. São Paulo: N-1 edições.

## **VINCIANE DESPRET – VOZES DE OUTROS MUNDOS**

**Resumo:** Apresentação ao texto Pesquisar junto aos mortos, versão expandida e traduzida da 2ª Conferência Lévi-Strauss, ministrada por Vinciane Despret na École de Hautes Études em Sciences Sociales em 2018.

**Palavras-Chave:** Vinciane Despret; Filosofia da ciência; Etologia; Relações multiespécies.

## **VINCIANE DESPRET – VOICES FROM OTHER WORLDS**

**Abstract:** Presentation of Enquêter avec les morts, an expanded and translated version of the 2nd Lévi-Strauss Conference, given by Vinciane Despret at the École de Hautes Études en Sciences Sociales in 2018.

**Keywords:** Vinciane Despret; Philosophy of science; Ethology; Multispecies relations.

RECEBIDO: 05/04/2021

APROVADO: 23/04/2021